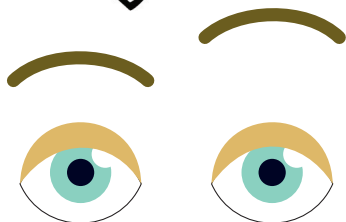
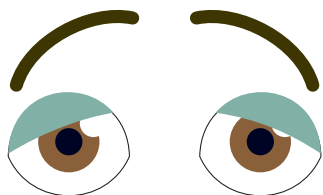
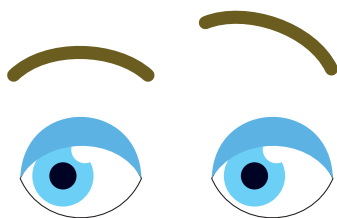


**NOS** **Glaucia**  
**Lewicki**  
**OLHOS**  
**DE QUEM** **VÊ**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Lewicki, Glaucia

Nos olhos de quem vê / Glaucia Lewicki. - São Paulo : Saberes e Letras, 2022.

224 p. : il., color. (Entremeios)

ISBN 978-65-84607-03-3

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Série

22-0682

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Andréia Schweitzer*

Assistente de edição: *Fabíola Medeiros*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Diretora de arte: *Irma Cipriani*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Projeto gráfico: *Telma Custódio*

Ilustrações: *www.freepik.com*

---

*Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Saberes e Letras**

Rua Botucatu, 171 – Vila Clementino

04023-060 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3575

<http://www.sabereseletras.com.br> – [editora@sabereseletras.com.br](mailto:editora@sabereseletras.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Instituto Alberione – São Paulo, 2022

Para Rodrigo,  
que acreditou.

# Sumário



|  |     |
|--|-----|
| Um corpo estendido no chão (Milena) .....                      | 10  |
| Cem anos de perdão (Maria Luíza) .....                         | 18  |
| Troca de favores (Marco) .....                                 | 24  |
| A sombra (Laura) .....   | 30  |
| Uma dívida com o morto (Catarina) .....                        | 36  |
| O mistério da conspiração esquecida (Milena) .....             | 44  |
| Seis homens e um segredo (Laura) .....                         | 52  |
| As respostas não estão aqui (Maria Luíza) .....                | 60  |
| A Pousada das Rosas (Milena) .....                             | 64  |
| Uma conversa de lampião (Marco) .....                          | 72  |
| Duelo no Rosa Amarela (Milena) .....                           | 80  |
| À luz da lua (Marco) .....                                     | 86  |
| Intimidades (Catarina) .....                                   | 94  |
| A musa da conspiração (Maria Luíza) .....                      | 100 |
| O estranho gesto de dona Agnes (Laura) .....                   | 104 |
| Pax et bonum (Catarina) .....                                  | 114 |
| O Túmulo do Viajante Desconhecido (Laura) .....                | 122 |
| Mecanismos (Marco) .....                                       | 126 |
| Memória viva (Catarina) .....                                  | 132 |
| Três garotos leem certo por linhas tortas (Maria Luíza) .....  | 138 |
| Armadilha! (Milena) .....                                      | 146 |
| Armadilha? (Marco) .....                                       | 150 |
| A fugitiva (Catarina) .....                                    | 158 |
| A parede de Moisés (Maria Luíza) .....                         | 162 |
| Quase todos os segredos de uma cajadada só (Catarina) .....    | 170 |
| Os vivos e os mortos (Laura) .....                             | 176 |
| O jogo da verdade (Milena) .....                               | 182 |
| O sinal da cruz (Marco) .....                                  | 192 |
| Um presente de grego (Milena) .....                            | 200 |
| Deus escreve certo em escrivatinhas tortas (Maria Luíza) ..... | 206 |
| O cordeiro e o leão (Catarina) .....                           | 216 |



Dois de julho de 1779

“A formosura raramente anda a par com a sabedoria.”

Os homens desapareceram. João Domingos foi preso.

Oito de julho de 1779

Os homens estão desaparecidos há uma semana.

Tenho o pressentimento de que algo horrível aconteceu...

*(Retirado do diário de Maria Joaquina Vieira de Andrade)*

# Um corpo estendido no chão

•

•

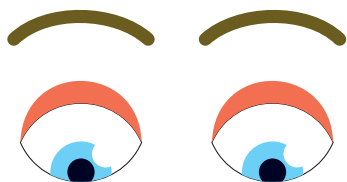
•

•

•

• Milena





**Foi a primeira vez** que eu vi alguém morrer. Como futura jornalista, eu sei que deveria me acostumar com isso. Morte é uma notícia como outra qualquer. Mas eu tinha apenas 13 anos. A realidade, que seria meu ganha-pão, ainda era muito dura para mim. Foi na frente do colégio, na hora da entrada. Atropelamento.

Um caminhão de entregas pegou uma pessoa que atravessava a rua. A vítima era um homem branco. Tinha uns quarenta e poucos anos, como meu pai. Estava limpo e bem-vestido.

Alguns alunos fecharam um círculo em torno da vítima. Eu era um deles. Como editora do futuro jornal do colégio, não poderia deixar escapar uma notícia como essa. No entanto, não me atrevi a tocar no homem atropelado. Nem eu nem ninguém. Só a Catarina é que teve coragem de se agachar ao lado dele.

– Não mexa no cara, garota! – advertiu um dos alunos mais velhos.

– Só quero ver se ele ainda está vivo – ela argumentou. Nessa hora, a vítima pareceu mover os lábios.

Catarina aproximou os ouvidos, mas acho que não deu para entender direito o que o homem estava tentando dizer. Com delicadeza, ela passou a mão pela testa do desconhecido, tentando confortá-lo.

Foi então que um espasmo sacudiu o corpo estendido no chão. E mais um, e outro, até ficar totalmente imóvel.

Catarina levou os dedos ao pescoço do homem, procurando por algum sinal de vida. O silêncio tomou conta da rua.

– Está morto – ela declarou, depois de um minuto, com uma expressão séria.

– Mentira! – rebateu uma das alunas. – Só os médicos podem dizer se ele está mesmo morto!

Havia uma ponta de desafio e outra de esperança naquela frase. Mas, no fundo, todos nós sabíamos que aquele homem já havia deixado este mundo.

Catarina baixou a cabeça, em sinal de respeito, como se estivesse rezando. Assim como o toque delicado na testa do morto, aquele gesto me surpreendeu.

As pessoas em volta a imitaram, abaixando o olhar para o chão, tendo a decência de não registrarem a cena com seus celulares. Inclusive eu. Só que levantei os olhos bem a tempo de ver a Catarina tirar um papel do bolso da camisa do morto. Boquiaberta, acompanhei-a fazendo o sinal da cruz com a mão fechada. Sem que ninguém percebesse a manobra, ficou de pé e colocou o papel no próprio bolso.

Que absurdo! Pensei em armar um escarcéu para obrigá-la a devolver o papel. Mas, se fizesse isso, eu nunca saberia o que estava escrito nele, pois um dos alunos mais velhos iria confiscá-lo, com certeza.

Jornalistas têm que ter sangue-frio. Se eu esperasse mais um pouco, saberia o que a Catarina havia surrupiado do cadáver. Era só armar um plano para arrancar essa informação dela.

\* \* \*

Entrei no colégio ainda atônita com a morte do homem atropelado. Sem contar o meu espanto com o gesto misterioso da Catarina.

Uma mão conhecida acenou. Era do Marco, meu vizinho desde que nasci. Cansei de chutar suas canelas no futebol lá

da rua. Também já levei muita bolada dele. Fazer o quê? Tenho dois irmãos mais velhos, ele também. Eram cinco meninos e eu. Não dava para brincar de fazer comidinha todos os dias. Mesmo porque, eu detesto cozinhar.

Como temos a mesma idade, sempre fomos muito ligados. Pelo menos até eu começar a explorar o universo dos perfumes, maquiagem, bijuterias e garotos. Outros garotos que não fossem o Marco, bem entendido. Nada pessoal. É que, nessa época, eu comecei a achar meu amigo de infância meio... Bem, meio infantil.

Minha mãe dizia que era assim mesmo, que as meninas amadureciam mais rápido que os meninos da mesma idade. Hormônios. No entanto, mesmo separados por um abismo hormonal, eu gosto do Marco. Quando surgiu o projeto do jornal do colégio, logo pensei no nome dele para fazer parte da equipe. Ele topou. E não é que estamos nos aproximando de novo?

– Milena, você soube?...

– Do atropelamento? Soube. Estava chegando ao colégio.

– O cara morreu mesmo?

– Parece que sim. Catarina colocou o dedo no pescoço dele, que nem nos filmes.

Marco ficou abismado.

– Catarina da nossa turma?

– Quantas “Catarinas” existem no colégio?

– Vai me dizer que, além de tudo, ela é metida a médica legista?

– Ih, você não sabe de nada, Marco! Convoque as meninas para uma reunião de pauta urgente. Tenho uma exclusiva para vocês!

\* \* \*

Sempre achei romântica a ideia de escrever ou editar um jornal impresso. Sim, eu sei que isso está obsoleto. Já era, nin-

guém usa mais. O avanço da tecnologia nas últimas décadas transformou a forma de se fazer jornalismo. Mesmo um jornal de colégio – que era o que eu fazia – se via obrigado a acompanhar essas mudanças.

A apresentação das nossas notícias ainda era em forma de texto, em um site. O site era a base da nossa central de notícias, digamos assim. A gente também usava canais de vídeo, podcasts e chamadas nas redes sociais. Era um projeto que valorizava bastante a palavra escrita e o desenvolvimento do senso crítico, pois toda a equipe do jornal era composta de alunos, e acreditava em plantar para colher, pois, desde o início, a direção deixou clara sua vontade de que os participantes crescessem junto com ele. Era fascinante ter ainda 13 anos e estar à frente disso tudo. Mas, como nem tudo é perfeito, o que me encantava também era o que me dava frio na barriga.

Por ser tão jovem, eu me sentia no dobro da obrigação de impressionar não apenas a direção e a coordenação como também os alunos mais velhos. Muitos deles tinham resistência a acompanhar nosso trabalho. Assim, eu estava sempre em busca de notícias surpreendentes, como a de hoje. Era a minha chance de mostrar que meu talento de apurar os fatos podia ir além da agenda dos eventos esportivos ou artísticos do colégio. E que o *Nosso Olhar* – sim, era este o nome do nosso jornal – ia além de uma brincadeira adolescente.

\* \* \*

Apesar da convocação urgente, só consegui reunir minha equipe do jornal no último tempo de aula, em um grupo de trabalho de português, durante uma leitura extraclasse. O livro era até legal, uma história de detetive daquelas bem antigas, do tipo que os amigos passam férias na fazenda e desvendam um mistério. Mas quem conseguia se ligar em aventuras fictícias quando podíamos estar diante de uma verdadeira?

– Diga logo o que você tanto quer! – ordenou Maria Luíza. – Desde que anunciou uma exclusiva, eu já roí duas unhas! E eu espero que elas cresçam até a semana que vem, pois vou começar a anunciar uma nova marca de esmaltes no meu canal.

Maria Luíza tinha um dos canais de vídeo mais famosos do momento. No mundo virtual, seus seguidores acatavam seus conselhos estéticos como se fossem os Dez Mandamentos. Mas essa não era a única razão pela qual ela estava em nossa central de notícias. No mundo real, ela era a única que conhecia a identidade de alguém que, assim como ela, fazia o maior sucesso, ao menos no colégio: o Chargista Maluco. Com o humor afiado, nada escapava da sua caneta e do seu poder de observação. Eu desconfiava de um ex-namorado, mas nunca consegui descobrir quem ele era e por que só entregava a ela suas charges demolidoras.

– Anda, Milena, fala logo! – insistiu nossa influenciadora digital, impaciente.

– Bem, vocês sabem que presenciei o atropelamento em frente ao colégio...

Parei de falar. Procurei pela Catarina e verifiquei que ela estava sentada no outro lado da sala, discutindo o livro extra-classe com duas “sobras”. Esta palavra servia, na gíria da nossa turma, para designar os colegas com quem ninguém queria formar grupo.

– Bem, além de mim, outra pessoa da nossa turma também presenciou o acidente.

– Catarina! – anunciou o Marco, orgulhoso de já saber desse detalhe.

– O que tem isso? – quis saber a Laura. – Muita gente estava na frente do colégio naquela hora.

Laura é minha prima. Nascemos com apenas uma semana de diferença. Eu, no final de julho. Ela, no início de agosto. Duas leoninas terríveis. Somos tão parecidas que po-

deríamos passar por gêmeas. Sempre fomos muito grudadas e gostamos das mesmas coisas. Ela é uma ótima redatora, escreve quase tão bem quanto eu. É meu braço direito no jornal.

– Bem, Laura, não haveria nada demais no fato de a garota estar lá, se ela não tivesse mexido no morto.

– E daí? – lembrou Marco. – Você me disse que ela apenas colocou a mão no pescoço dele, para ver se o cara ainda estava vivo.

– Isso foi o que todo mundo viu. O que ninguém sabe é que a Catarina pegou um papel do bolso do morto!

Três pares de olhos de cores diferentes se arregalaram com a minha revelação.

– Que loucura! – exclamou Laura. – E ninguém viu isso?

– Não. Ela deu um jeito de desviar a atenção de todo mundo. Acho que só eu vi.

– Por que ela fez isso?

– Se eu soubesse... Aliás, o que vocês sabem sobre ela?

Maria Luíza respondeu por todos:

– Catarina veio para o Santa Sophia este ano. Ela foi transferida do Zermatt, um colégio suíço-brasileiro. Como todo mundo aqui sabe, essa criatura insuportável só tira dez, não dá cola nem para a própria sombra e não fala direito com ninguém da turma.

– O nosso jornal bem poderia lançar a campanha “Mandem a Catarina de volta para o Zermatt!” – brincou Laura.

– E quem é que vai aceitar de volta? – caçoou Maria Luíza.

– Shshsh! – ralhei. – Não vamos perder o foco. O que mais você sabe sobre ela, Mári?

Ela se empolgou, adorando fazer o papel de fonte de informações.

– Bem, diz a lenda que, sem contar o uniforme do colégio, ela só se veste de preto. A galera acha isso sinistro, no mau sentido. Na minha opinião, a garota é sinistra, mas tem estilo.

– Guarde seus comentários estéticos para o jornal, Maria  
– adverti. – Ou para o seu canal.

Maria Luíza tinha alergia a ser chamada só pelo primeiro nome. Antes que eu fizesse isso de novo, ela prosseguiu:

– Bem, vejamos... Na hora do recreio, Catarina não costuma conversar com ninguém. Dizem que a mãe morreu quando ela era pequena. Triste, né? – diante das nossas caras de descrença, ela reforçou. – Sério, gente, eu acho triste mesmo...

– Ela mora com o pai? – quis saber Laura.

– Com o avô. Dizem que ele tirou a Catarina do Zermatt e colocou no Santa Sophia por causa do CIDEP.

O CIDEP era o Centro de Identificação e Desenvolvimento do Potencial, um local de estudos especiais, feito para atender alunos superdotados. Lá, os gênios do colégio tinham aula depois do horário regular. De acordo com suas habilidades pessoais, faziam aulas de robótica, mecatrônica, computação, lógica, música, pintura e mais um monte de coisas em um nível diferente dos outros alunos do Santa Sophia. Em um acesso de despeito, nós apelidamos o lugar de “Centro Integrado De Estranhas Pessoas”.

– Muito bem – aprovei. – Ficha quase completa. Nossa tarefa agora é descobrir o que era aquele papel que a Catarina tirou do bolso do cara. Alguma ideia?

– Que tal se revistarmos a bolsa dela? – sugeriu Maria Luíza. – Ela costuma passar o recreio na biblioteca. Um de nós fica para trás, procura o tal papel e dá uma olhada!

– Ótima ideia, Maria Luíza!

– De vez em quando os meus neurônios funcionam...

Lançamos, ao mesmo tempo, um olhar para Catarina. Alheia à confusão da sala de aula, ela parecia lutar para arrancar respostas inteligentes dos seus colegas de grupo. Mal sabia ela que logo precisaria lutar para se livrar de nós.

Nunca se coloque entre um jornalista e uma notícia.

# Cem anos de perdão

•

•

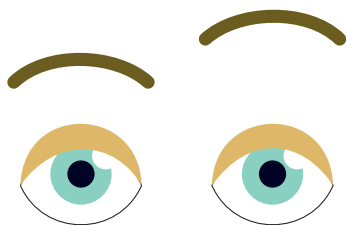
•

•

•

• Maria Luíza





**Para que** eu fui abrir a minha boca e dizer que a gente deveria revistar a bolsa da monstrixinha? Sobrou para mim! E quando a Milena cismava com alguma coisa, não tinha quem a fizesse mudar de ideia!

Na hora do recreio, tive de ficar esperando a Catarina sair da sala para mexer nas coisas dela. Só que vocês acreditam que a peste da garota furou meu plano, carregando a bolsa com ela? Com isso, tive que grudar nela como se fosse um carrapato. Louro, alto e fashion. Mas, ainda assim, um carrapato.

Vi a Catarina entrar na biblioteca. contei meio minuto e entrei também, bem a tempo de ver Lady Sinistra colocar a bolsa em um compartimento do guarda-volumes. Ah, que ótimo! Agora eu teria que me virar para apanhar a chave do armário! Bem, talvez isso não fosse muito difícil. As chaves ficavam presas em placas de metal grandes demais para os bolsos dos jeans que a gente usava. Por isso, quase sempre eram largadas em cima das mesas ou das estantes, enquanto os alunos acessavam o sistema atrás de informações sobre o acervo.

Catarina sentou-se em frente a um computador. Era meio ultrapassado. Sempre são. Colocou a chave na cadeira ao lado e começou a digitar. Eu me sentei quase ao lado dela, examinando a garota de rabo de olho.

Ela era magra e um pouco mais alta do que parecia à primeira vista. Os cabelos eram lisos e compridos, quase negros, e

os olhos, que não precisavam de óculos, eram tão escuros que não dava para ver a bolinha do meio. Aquela bolinha, que todo mundo tem no meio do olho. Papila. Não, pupila.

As mãos se moviam com tanta elegância que pareciam estar sempre segurando uma xícara de porcelana ou tocando piano. Minha avó diria que a Catarina tem uma coisa chamada classe, que dinheiro nenhum do mundo consegue comprar. As mãos elegantes, porém, pareciam pertencer a uma pirata, pois apresentavam uns anéis fantásticos nos dedos longos. Antiguidades, com certeza. Fiquei babando por um de pedra verde, que combinava com meus olhos.

Ela mexeu no cordão de prata que usava por baixo da camisa, puxando-o para fora, meio impaciente (será que sabia que eu estava de olho nela?). Pela primeira vez, reparei que pendia do cordão uma palavra escrita no que parecia ser árabe. Impossível ser mais misteriosa do que isso.

Resolvi parar de reparar na garota e cumprir minha missão. Aproveitei um momento em que Miss Mistério ficou bastante entretida com a pesquisa e apanhei a chave do guarda-volumes. Fui até o armário, peguei a bolsa dela e desapareci da biblioteca.

\* \* \*

A prova do crime foi levada apenas para Milena. O Marco se recusou a participar da revista da bolsa apreendida, e a Laura...

- Onde está a Laura?
- Foi ver o Marco jogar bola.
- Por que ela cismou com ele? Com tanto garoto interessante neste colégio...
- Provavelmente porque ele não cismou com ela... Ora, eu sei lá, Maria Luíza! Vamos examinar esta bolsa de uma vez!

Para nosso desapontamento, encontramos apenas o que deveria ser encontrado em uma bolsa de colégio: estojo, cadernos, livros, carteira de dinheiro, celular.

Depois de revirmos a bolsa, tivemos que admitir a hipótese do papel estar no bolso da Catarina. Só que, como hoje não era dia de educação física, nem adiantava esperar ela trocar de roupa para revistarmos suas calças.

O único objeto encontrado que parecia não pertencer à dona da bolsa era um chaveiro de metal, com um ursinho agarrado à letra L.

– Ué! – exclamou Milena. – O nome dela não começa com C?

– Vai ver o chaveiro não é dela – arrisquei.

– Então, de quem é?

– Pode ser do morto...

Milena quase me comeu viva.

– Maria Luíza, minha querida, use sua cabeça para outra coisa que não seja carregar seus lindos cabelos! Você acha que um homem, da idade dos nossos pais, combina com um chaveiro desses?

– É claro que não!

– Então, lamento anunciar, mas seja lá o que aquela garota pegou, não está aqui.

\* \* \*

Catarina entrou na sala de aula mais séria do que o normal. Ao dar de cara com sua bolsa em cima da carteira, sua reação foi apenas levantar uma das sobrelhas. Nem se deu ao trabalho de conferir seus pertences. Como se nada tivesse acontecido, abriu o livro de matemática.

– Cara, ela é um iceberg! – bufou Milena. – Querem saber de uma coisa? Nós nunca vamos descobrir o que havia naquele papel que ela pegou do morto...

– Nem o que era aquele chaveiro com a letra L! – completei, desolada.

Mas, enquanto Catarina mal havia olhado para sua bolsa, Laura, sentada ao meu lado, parecia querer virar a dela pelo avesso.

Milena estranhou tanto movimento.

– O que foi, Laura? Perdeu alguma coisa?

– Meu chaveiro.

– Qual deles?

– O ursinho segurando a minha letra. Deixa para lá. Já estava velho mesmo...

– Ora, eu sei onde está seu chaveiro, Laura! – eu falei, sem pensar. – Está na bolsa da Catarina!

Por um momento, Laura processou a informação, em silêncio. Então comentou, com um sorriso engraçado no rosto:

– Será que a sabe-tudo tem aquela doença que faz as pessoas pegarem coisas dos outros? Ah, se a gente tivesse certeza disso!...

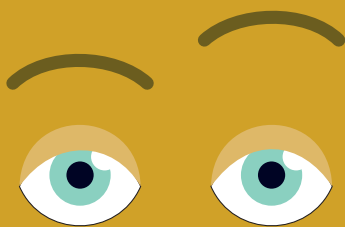
– Para quê? – perguntei.

– Como assim, para quê?

– Para que você quer ter certeza se ela tem mesmo a mania de pegar as coisas dos outros?

– Ora, que pergunta! Quem tem informação tem poder, queridinha! Se a Catarina gosta mesmo de apanhar as coisas dos outros, ela pode querer trocar nosso silêncio pelo papel que pegou do bolso do morto! – e Laura virou-se para a prima, buscando a aprovação dela, como sempre. – O que você acha, Milena?

– Acho que não custa nada levantarmos algumas informações extras sobre a garota. Quanto à história de usar essas informações para pressioná-la... Eu não gosto disso, mas se for necessário...



# Troca de favores

- 

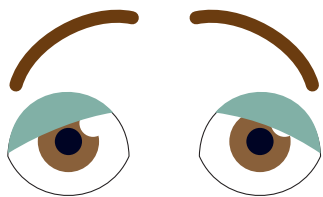
- 

- 

- 

- 

- Marco



**Quando a Milena** me chamou para fazer parte do novo jornal do colégio, eu estranhei. Apesar de a gente se conhecer desde pequeno, fazia algum tempo que eu não servia de companhia nem para comprar picolé na padaria. Desconfio que só fui chamado porque a Laura estava a fim de mim.

Cá entre nós, eu só topei o lance por causa da Maria Luíza. Ela não estava nem aí para mim, mas tinha certeza de que nossa proximidade profissional faria a musa da turma mudar de ideia. Isso se eu conseguisse permanecer no jornal. Até aquele momento, meu brilhante saldo como jornalista contabilizava apenas três matérias: a mudança dos uniformes de educação física das meninas, o campeonato de futebol de botão da associação de pais e mestres e críticas gastronômicas sobre a pizza da cantina. Todas elas recusadas pela editora-chefe, sem exceção. Por isso, infelizmente, apesar do empenho, minha carreira jornalística prometia ser curta. E as minhas chances de ficar com a menina mais cobiçada do 8º ano C eram menores ainda.

Por conta desse jornal, as meninas andavam mais curiosas do que o normal. Tudo chamava a atenção delas. Tudo servia de motivo para investigar um acontecimento ou uma pessoa. E como a Catarina teve a infeliz ideia de bisbilhotar a vida do morto, ela era a bola da vez.

Por essa razão, não estranhei quando, macia como um chiclete mastigado, Milena veio a mim com o seguinte pedido:

– Marco, meu príncipe, coloque a memória para funcionar. Você conhece alguém que estuda no Colégio Zermatt?

– Onde?

– No colégio em que a Catarina estudava antes de vir para o Santa Sophia. A Laura tem uma excelente explicação para o chaveiro dela ter aparecido na bolsa da Catarina. Mas precisamos apurar mais os fatos, entende?

Não. Eu não entendia o porquê de tanto auê em torno do chaveiro de ursinho da Laura. Mas resolvi atender ao pedido da Milena. E caí na besteira de lembrar que, no mês anterior, tinha ficado com uma menina que tinha uma prima que estudava no Zermatt.

Tive então que ligar para a garota, fingir que estava dando mole e inventar uma história esfarrapada para pegar o telefone da prima dela. Daí liguei para a tal prima e disse que o jornal do Santa Sophia estava fazendo uma reportagem sobre superdotados. Perguntei se ela conhecia a Catarina. Quando disse que sim, perguntei se eu podia passar o telefone para a editora. A garota topou. Até que ela foi bem legal. Será que era bonitinha?...

Milena, louca de curiosidade, arrancou o celular da minha mão. Passou alguns minutos ouvindo o que a garota tinha para contar. De vez em quando, fazia uns comentários:

– É mesmo? Jura? Fala sério! O que é isso? Que horror!

Depois de um tempo, nossa editora agradeceu e desligou. Parecia satisfeitíssima com o resultado da conversa.

– Vocês nem imaginam! Parece que a Catarina sofre de cleptomania!

– O que é isso? – estranhei. – Alguma coisa que faz a pele descascar?

– Ah, eu sei o que é! – exclamou Maria Luíza. – Eu li outro dia uma reportagem sobre uma atriz de Hollywood que tem esse negócio. A pessoa pega coisas que não são dela...

– Pega como? – estranhei.

– Pegando, ué!



– Roubando?

– Eu não ia usar essa palavra, Marco. Mas já que você usou... – e, me deixando de lado, Maria Luíza virou-se para Milena. – Ela pega mesmo as coisas dos outros?

– Se pega! Pelo que a prima da amiga do Marco falou, sumiram muitas coisas dos colegas da Catarina no Zermatt. Dizem até que ela apanhou uma imagem barroca valiosíssima da capela do colégio!

– Ei! O avô da Catarina não é antiquário? – lembrou a Laura. – Vai ver os dois formam uma quadrilha!

– Existe quadrilha de dois? – caçoei, ganhando um olhar de censura.

– Nós não temos provas de que o avô da Catarina esteja metido nessa história! – ralhou Milena. – Portanto, não repita mais isso, ou vira calúnia.

– Está bem. Não está mais aqui quem falou – declarou Laura, erguendo as mãos. – Tudo o que precisamos agora é trocar o nosso silêncio pelo papel do bolso do morto!

Isso estava indo longe demais. Ao ouvir essa barbaridade, protestei:

– Ei, eu não vou prejudicar ninguém! Se é assim que vocês pretendem agir, eu estou fora deste jornal!

– Como assim, “está fora”, Marco? – estranhou Laura.

– Não gosto desse negócio de chantagem!

– Isso não é chantagem! É uma troca de favores! Como no seguinte caso: você faz o favor de continuar no jornal e eu faço o favor de não contar ao seu pai quem fez aquele arranhão horrível no carro dele!

O quê? Como ela sabia que eu havia arranhado o carro do meu pai? Reunindo a pouca dignidade que me restava, ainda tentei negar:

– Do que você está falando?...

– Do quê? De que seu pai não vai achar graça nenhuma em saber que o filhinho de 13 anos fez uma aposta que daria

uma volta no quarteirão com o carro dele. E nem que, ainda por cima, o garoto arranhou a lataria quando foi entrar na garagem. Tsc, tsc, tsc... Mas o arranhão não é o pior. Já pensou, Marco, que, se a polícia pegasse você passeando, quem estaria encrencado seria ele?

Meu estômago embrulhou de um jeito que parecia até que a Laura tinha me acertado um soco. Fiquei tão sem ação que acabei confessando, sem querer:

– Cara, como é que você sabe que eu?...

– Um bom jornalista nunca revela suas fontes. E aí? Mudou de ideia?

É óbvio que a fonte era Milena. E, ainda por cima, contou para a Laura, que agora estava usando essa informação para me chantagear! Assim que o feriado acabasse, essas duas pestes iriam se ver comigo. Eu mesmo contaria tudo para meu pai. Rolaria bronca, castigo e tudo mais, mas ele não me mataria, no final das contas!

– Você sabe muito bem que, se o meu pai souber do lance do carro, vou passar o feriado trancado em casa, Laura! Isso é chantagem, e da grossa! Exatamente como vocês vão fazer com a coitada da garota!

– Eu sinto muito, mas você me obrigou, Marco – afirmou Laura. – Sua presença é imprescindível no nosso jornal.

Eu estava por um triz de mandar até mesmo o feriado para o raio que o parta e dar à Laura a resposta que ela merecia. Foi quando Milena, parecendo sem jeito, tentou me acalmar:

– Tudo bem, Marco. Vamos fazer o seguinte: você e a Maria Luíza não precisam participar da nossa “conversa” com a Catarina. Está bem assim?

– É o mínimo que vocês podem fazer.

Fiquei aliviado por ficar de fora daquela sujeira. Maria Luíza também, embora não pelos mesmos motivos:

– Ah, que bom! Assim, eu não perco a hora da manicure! Falando nisso, estou atrasadíssima! Até amanhã, meus queridos!

E acenou para nós com a mão espalmada, como se tivesse dois anos de idade.

Laura sacudiu a cabeça, ao vê-la se afastar:

– Ela é mesmo um catálogo de futilidades...

– E daí? – rosnei. – É o catálogo com a melhor capa que eu já vi!

– Você só pensa em aparência, não é, Marco? Não consigo nem entender por que está defendendo tanto a esquisita da Catarina! Afinal, ela não faz parte do seu padrão de beleza!

– Da mesma forma que “princípios” é uma palavra que não faz parte do seu vocabulário!

Antes que o tempo fechasse de vez entre nós, Milena pediu:

– Laura, por que você não tenta descobrir onde a Catarina está? Já encontro com você.

Ela não gostou muito da ordem da prima, mas obedeceu, como sempre. Assim que se afastou o suficiente, Milena virou-se para mim com uma expressão arrependida no rosto.

– Eu sei que você sabe que eu fui a fonte da Laura. Quando comentei a história do carro com ela, não imaginei que fosse ser usada contra você. Desculpe, Marco.

Eu não falei nada, mas sei que desculpava minha amiga quando a raiva passasse. Já a Laura, ah, essa podia transferir a vontade de ficar comigo para a próxima encarnação!...

